

# Literatura, leitor e livro: *do imaginário ao objeto-estético*

Telma Maria Vieira

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.  
Docente da Fatec Itaquaquetuba.  
E-mail: telma.vieira@fatec.sp.gov.br

Recebido: 30 mai. 2022

Aprovado: 29 set. 2022

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo mostrar o valor do livro físico para suporte de texto literário. Por meio dos estudos de Chartier (1996), Manguel (2001) e Merleau-Ponty (2012), apresenta considerações acerca da leitura de literatura em livros físicos que dialogam com outras produções artísticas que contribuem consideravelmente para a construção de sentido do texto.

**Palavras-chave:** Literatura. Leitura. Leitor. Livro.

**Abstract:** This article aims to show the value of the physical book to support literary texts. Through the studies of Chartier (1996), Manguel (2001) and Merleau-Ponty (2012), it presents considerations about the reading of literature in physical books that dialogue with other artistic productions that contribute considerably to the construction of meaning in the text.

**Keywords:** Literature. Reading. Reader. Book.

**Resumen:** Este artículo pretende mostrar el valor del libro físico como apoyo a los textos literarios. Este artículo pretende mostrar el valor del libro físico como soporte de textos literarios. Mediante los estudios de Chartier (1996), Manguel (2001) y Merleau-Ponty (2012), presenta consideraciones sobre de la lectura de literatura en libros físicos que dialogan con otras producciones artísticas contribuyendo considerablemente a la construcción de sentido en el texto.

**Palabras clave:** Literatura. Lectura. Lector. Libro.

## Introdução

O fato de sermos dotados de imaginação e inteligência nos torna capacitados para criarmos signos e símbolos. A ordem dos pensamentos, bem como de toda ação humana, tem se dado por meio dessas criações que atuam mediando seres e coisas percebidas, como, por exemplo, as palavras. O contato com o conhecimento sensível e intelectual da humanidade só é possível quando ocorrem criações sógnicas cuja semiose produz novas criações; no caso das palavras, a literatura.

O reconhecimento de signos mediadores pede formação a qual compete ao ensino formal, em diferentes fases – fundamental, médio e superior. Frequentar essas fases possibilita ao indivíduo enriquecer seu repertório de modo que se torne um gerador de novos signos, ou símbolos, e, desse modo, contribuir com a humanidade.

Nesses ambientes, as trocas comunicativas dão-se, principalmente, para conhecimento de signos científicos, pois são espaços criados originariamente com esse objetivo. Neles, as percepções que afloram o sensível nem sempre são temas para reflexões e produções; quando o são, frequentemente causam polêmicas e pontos de convergências. Limites e separação entre ciência e arte são imposições ditadas pelo pensamento dualista da civilização moderna cuja comunicação está alicerçada exclusivamente na discursiva do consciente. A comunicação pela arte dá-se justamente da combinação do consciente e inconsciente, por isso, questionamentos, bem como o sentido e utilidade da aproximação dela com o conhecimento científico, são frequentemente realizados em várias esferas sociais, inclusive na educacional.

Contudo, o papel das instituições de ensino não deve ser polarizado pelos conhecimentos científicos, apenas; há que se reconhecer a importância das percepções responsáveis pelo aflorar das sensações, pois a humanidade pode ser reconhecida tanto pela ciência quanto pela arte. O espaço escolar, destinado à formação intelectual, deve também ser lugar para reconhecimento de subjetividades, ou seja, nesses recintos signos próprios da ciência e/ou da arte devem dialogar.

Refletir acerca do papel da arte, assim como promover, incentivar e facilitar o acesso a ela, num contexto de ensino, é fundamental, pois implica não se esquecer que todo egresso de qualquer instituição escolar, a despeito de habilidades desenvolvidas ao longo dos estudos, não deixará de ser um gerador e operador de signos. Ou seja, quando

a frequência nos espaços escolares não ocorrer mais, toda pessoa continuará reproduzindo o universo do conhecimento com que tiveram contato neles, mas também produzindo e comunicando novos pensamentos. Sendo assim, é pertinente que tenhamos em mente que o mundo não é apenas constituído de coisas passíveis de serem estudadas pela ciência, mas também de subjetividades fundadas em afetos.

Por isso, quando consideramos espaços escolares, somos obrigados a reconhecer que neles, os signos linguísticos ganham maior relevância já que o objetivo principal, especialmente do ensino fundamental, é formar leitores. Por meio da leitura, os indivíduos podem acessar e apropriar-se cada vez mais de manifestações culturais perpetuados pelos grupos sociais. Logo, o (re)conhecimento dos signos linguísticos e a leitura de textos verbais ocupam, nesses ambientes, a maior parte da dedicação tanto docente quanto discente e promovem relações inéditas entre textos e leitores.

As práticas de leituras atuais têm propensão a privilegiar a cultura digital. Neste contexto, a cultura impressa tende a ser posta em plano inferior, especialmente por aqueles deslumbrados diante das diversas possibilidades do uso de eletrônicos. Há, nesse caso, desconhecimento de que ler um texto literário implica não apenas dar sentido às palavras, mas também adotar gestos que envolvem todo o corpo. Por isso, a materialidade dos suportes não pode ser desconsiderada, especialmente quando se tratar de livros cuja diversidade signica é inegável, como, por exemplo, aqueles destinados a crianças.

Os livros, destinados originariamente a suportes textuais, carregam em sua materialidade especificidades próprias de obras de arte. Assim, por meio de procedimento bibliográfico, objetivamos mostrar o valor do livro físico, enquanto suporte de texto literário. Adotamos para nossas considerações estudiosos acerca do tema, tais como: Chartier (1996), Manguel (2001) e Merleau-Ponty (2012), cujas publicações destacam a relevância dos livros para diferentes culturas.

### **A literatura como (re)organização existencial**

Muitos teóricos, críticos literários, filósofos e até leitores iniciantes procuram entender o que é literatura e o porquê da importância dela em meio a toda cultura humana. Poderíamos elencar os pareceres de vários desses pensadores que, ao longo de

sua própria existência, ocuparam-se em estudar o fenômeno literário sob diferentes pontos de vista.

Para Mircea Eliade (1991), mitólogo romeno e historiador das religiões, a literatura se origina dos mitos que são narrativas surgidas em sociedades que ainda não contavam com o advento da ciência e buscavam conhecer e explicar fenômenos naturais, como, por exemplo, o sol, a chuva, o nascimento do homem. Nessas sociedades, os mitos contavam como se deu a primeira vez da manifestação de um acontecimento e porque isso ocorreu. A narrativa, então, explicava e dava aos membros da comunidade modelos de conduta e valores, repassados às novas gerações.

Essas narrativas cuidavam de elucidar os fenômenos naturais por meio de intervenções divinas, ou seja, revelavam gestos de seres sobrenaturais, que esclareciam as manifestações da natureza. Tais narrativas também davam norte aos homens para que pudessem existir em meio à Natureza. Os mitos ajudavam a compreender o sentido da vida humana.

A partir do momento em que o homem passou a conter a Natureza, os mitos foram recontados, tendo como personagem principal não seres sobrenaturais, mas o próprio homem que, por meio da astúcia, conseguia vencer e dominar os fenômenos naturais. Tais personagens ensinaram novos valores e comportamentos, que variavam de acordo com a sociedade (ELIADE, 1991). Desse modo nasceram as narrativas literárias, que são importantes porque descortinam nossas emoções e conservam o poder de dar sentido a nossa vida.

O crítico literário Antonio Candido afirmou em um de seus magníficos ensaios que “a literatura é o sonho acordado das civilizações” (CANDIDO, 2011, p. 177) porque precisamos diariamente dormir e sonhar; o sonho cuida do equilíbrio do nosso psíquico. Quando estamos acordados, independentemente de estarmos lendo um livro, contamos histórias, cantamos canções, comentamos charges ou quadrinhos, narramos literatura revelada na vida de todo ser humano, pois necessitamos dela para imprimir nossa existência.

A experiência narradora é vivenciada por todas as pessoas, em toda cultura, sejam mestres, doutores ou iletrados. A literatura está presente em nossa existência, cuidando do nosso equilíbrio pessoal. Daí Antonio Candido dizer que ela “é o *sonho acordado* das civilizações”, pois ela equilibra e sustenta a condição humana, isto é, a própria humanidade. É impossível viver sem entrar em contato com algum tipo de fabulação que revela valores de cada sociedade. Por isso, tanto as manifestações

literárias registradas em veículos sancionados, como o livro impresso ou virtual, quanto às proscritas, despontadas à revelia da academia, são importantes. As duas têm o poder de humanizar porque manifestam a visão de mundo de indivíduos e grupos, auxiliando em sua (re)organização existencial. Ambas são essenciais para um afinamento de percepções e complexidade dos seres e da realidade que os circundam, certamente pelos resquícios de originalidade que conservam.

### **Leitor de literatura: leitor de sutilezas**

A literatura conduz o leitor ou ouvinte a mundo imaginários, proporcionando-lhe prazer aos sentidos e à sensibilidade. Logo, sua abordagem necessita de diferenciações. Há aproximação de textos literários que se dão apenas a deleite dos sentidos, isto é, neles os leitores recorrem ao ficcional e têm acesso à realidade circundante por meio do filtro do imaginário. Nas escolas, contudo, o contato com literatura ocorre, geralmente, com objetivo didatizante, apenas, isto é, o texto literário serve para treino de leitura, conhecimento de regras gramaticais ou, ainda, de temas oriundos de outras ciências, como as da Natureza, por exemplo.

Nessas atividades, a literariedade do texto tende a se perder. Porém, quando fatores histórico-sociais são abordados, por meio de textos literários, os leitores conservam traços do universo do possível e do imaginário, pois os mundos criados pelos escritores permanecem neles em histórias individuais de leituras. Diferentes metatextos de variados escritores corroboram com essa afirmação, ao ficcionalizar leitura e leitores.

Da literatura universal, por exemplo, podemos citar *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, publicado em 1605 cujo protagonista enlouquece ao tentar assumir o perfil dos heróis das novelas medievais de cavalaria, as quais lia entusiasmadamente. Há uma passagem na narrativa em que a sobrinha do protagonista e a ama dele insistem para que os vários exemplares de livros que ele adquiriu fossem queimados. Segunda ela, só assim o tio recobriria a razão.

Ainda na literatura universal, temos *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, publicado em 1857, cujo personagem Carlos reclama para a mãe dele acerca do comportamento disperso da esposa Ema. Ambos o atribuem às leituras de romances as

atitudes inadequadas da protagonista e decidem suspender a assinatura dos aluguéis de livros, para que ela não tivesse contato com ficção.

Na literatura brasileira, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicado em 1881, traz nas entrelinhas a análise do leitor do século XIX. O próprio escritor alerta para o fato de que os textos apresentavam sutilezas, nem sempre reconhecidas por quem os liam.

Em *A paixão segundo G.H.*, publicado em 1943, Clarice Lispector adverte aos prováveis leitores: “Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada” (LISPECTOR, 1994, p. 13). Afirma preferir o leitor que não realizará leitura passiva do texto, mas que esteja disposto a uma parceria com ela cujo diálogo - o ato da leitura – faria incidir sobre a voz narradora a “voz leitora”; o leitor ideal, ainda que virtual, seria incorporado ao texto como elemento da narrativa.

Toda leitura garante ampliação de conhecimento científico e técnico, além de repertório vocabular, indispensável à comunicação com os demais membros da sociedade. Porém, somente a leitura de textos literários permite autoconhecimento e desenvolvimento da capacidade perceptiva de reconhecimento do outro em sua condição humana. Ou seja, a literatura, bem como de outras linguagens artísticas, possibilita que o mundo exterior e o mundo interior, que existem em todo ser humano, possam dialogar. Por isso, é relevante destacar o papel da linguagem literária no contexto do ensino seja ele fundamental, médio ou superior, pois ela não se limita a enunciar o que sabíamos ou aprendemos. As narrativas literárias possibilitam ao leitor experiências únicas, reveladoras e transformadoras (MERLEAU-PONTY, 2012).

Refletir acerca da literatura no ensino formal implica considerar também a relevância do leitor, tendo em vista que todo ensino, independentemente da fase, tem por alvo formar leitores. O uso do livro em sala de aula, especialmente aqueles que apresentam fragmentos de textos literários objetiva formação de leitor, independentemente da área de atuação em que possam circular na vida adulta. Para isso, as instituições escolares recorrem a produções literárias diversas com a intenção de educar formalmente. Nessa prática, a função didática da literatura é posta em destaque em detrimento da função humanizadora que toda obra literária, seja em verso ou prosa, efetivamente tem.

Considerando que o ensino formal, em suas diferentes fases – fundamental, médio e superior – deve voltar-se para a formação holística do indivíduo, isto é,

contribuir para o desenvolvimento reflexivo dele, bem como a melhoria na comunicação verbal, habilidades imprescindíveis em qualquer atividade prática de diferentes áreas de atuação profissional, há que se atribuir à formação de leitores, em especial aos de literatura, a devida importância.

A leitura do texto literário não pressupõe apenas texto-palavra, mas uma materialidade para que este concretamente exista. Por isso, considerar sua recepção exige que se avalie também o suporte de circulação, que tem influência direta nas relações entre escritor e leitor. A experiência individual que realizamos quando lemos um livro, seja físico ou virtual, é fortemente impactada pelos recursos adotados, tais como livros ou telas de dispositivos, como as de *smartphones* e *tablets*, por exemplo.

### **O livro como objeto-estético**

No último século, a circulação da literatura tem experimentado diferentes possibilidades de suportes. Além de livros, a partir do advento da informática, *smartphones* e *tablets* têm sido usados para publicação de textos literários, o que possibilita intersemiose sofisticadamente elaborada com outras linguagens. Assim, mais que a divulgação das produções literárias clássicas, as novas tecnologias possibilitam a criação, circulação de signos inéditos, como os visuais e os sonoros, flagrados em diálogos com os signos linguísticos.

Tal realidade em nenhum momento representa perigo para a arte literária expressa em livros, como chegou a ser discutida por aqueles que previram, com a popularização dos novos instrumentos tecnológicos, o fim dele. A literatura continua como uma das formas simbólicas que compõem o universo humano pela particularidade que a constitui: instigar, por meio da linguagem verbal, prazer aos sentidos para que esses possam generalizar e regenerar sentimentos. Nessa experiência, o livro enquanto um objeto oferece-se esteticamente a todos os sentidos. Pode ser tocado, abraçado cheirado e até cariciado.

Clarice Lispector, no conto “Felicidade Clandestina”, publicado em 1971, em obra homônima, transforma em ficção o processo corporal prazeroso experimentado por uma menina, durante posse e manuseio de um livro, antes mesmo que se dê por ela a leitura dos signos verbais.

A narrativa traz como personagens duas meninas que, tanto física quanto psicologicamente, são totalmente opostas. O enredo é composto pela relação de poder exercido com extrema crueldade pela menina possuidora do livro sobre aquela que desejava ler. A protagonista foi submetida a idas diárias à casa da colega que sempre tinha uma desculpa para não lhe emprestar *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. A tortura cessa com a interferência da mãe da menina cruel que, assustada pela descoberta da filha má, obriga-a a cumprir o prometido: emprestar o livro à coleguinha.

A riqueza do conto clariceano permite que abordemos inúmeros aspectos da narrativa, como, por exemplo, as diferenças econômicas entre as meninas, o que facilita o exercício da crueldade por aquela com condição econômica superior. Porém, o que nos interessa é o enfoque que a autora dá ao livro enquanto objeto. Ao longo do texto, a narradora-protagonista estabelece um jogo com a antagonista em que o desejo pelo livro é o centro da relação entre ambas. Submete-se a um rito sacrificial para que consiga o objeto desejado e, conseqüentemente, experimente o prazer de possuí-lo

Segundo Roger Chartier, “o ato da leitura (...) supõe uma relação íntima entre o leitor e um livro” (CHARTIER, 1996, p. 90), ou seja, trata-se de uma experiência solitária que realizamos quando lemos em suportes físicos ou virtuais. Contudo, há que se destacar o diferencial quando a leitura se dá em livros físicos: Lispector brilhantemente ficcionaliza essa experiência ao recriar a atmosfera erótica que se estabelece entre a leitora e o livro.

Quando chego em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. [...]

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante. (LISPECTOR, 1996, p. 18).

O êxtase da personagem clariceana remete-nos ao prazer que a leitura da literatura provoca ao envolver não apenas o cérebro, lugar da fantasia e do intelecto, mas igualmente o corpo e a libido (CHARTIER, 1996).

O conto “Felicidade Clandestina” ilustra essa questão. O signo verbal é materializado no objeto-livro e este é incorporado como elemento da produção e recepção. Evidentemente, o contexto em que o conto foi escrito, anos 70, não poderia



apresentar outro suporte material que não o livro. Caso a narrativa estivesse ambientada na atualidade, poderíamos ter telas de computadores e *tablets* e diferentes relações entre a protagonista e o veículo do texto.

As afinidades entre literatura e leitor estão atreladas às modificações de comportamentos sociais e às novas formas de apresentação dos textos, ou seja, novos tipos de leitores surgem a cada dia, à medida que novos suportes de circulação textual são concebidos. No conto, a interação entre o texto e o leitor é condicionada pelo livro que, na categoria de objeto-estético é elemento de desejo e de prazer.

Relevante destacar que, especialmente quando consideramos os livros destinados aos leitores infantis, as imagens têm grande importância, pois em sua grande maioria essas obras dialogam com ilustrações. O artista ilustrador reconta a história concebida em linguagem verbal, aguçando consideravelmente os sentidos dos pequenos leitores.

O mundo das percepções adverte para a relevância do olhar, pois “a visão é o encontro, como numa encruzilhada, de todos os aspectos do Ser” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 44). Ou seja, por meio do olho, o real pode ser conduzido para dentro do corpo e desse modo adquirir possibilidade de reconstrução.

A literatura circulou nas culturas orais e passou por diferentes materiais para registros impressos, até chegar ao papel e ser transmitida e recebida em livros e telas de computadores. Durante esse processo, coube ao olho observar e registrar todas as transformações de ordem cultural, ocorridas nos últimos séculos, pois, para aqueles dotados de visão, a existência é compreensível por meio de “imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens” (MANGUEL, 2001 p. 21), isto é, o olho que promove o entrelaçamento de todo o mundo com o restante do corpo. Por isso, do mesmo modo que necessitamos decodificar letras e sílabas no processo de alfabetização, precisamos ser alfabetizados para leitura de imagens. Quanto mais cedo o leitor for levado à alfabetização visual, mais poderá perceber e desfrutar da obra de arte em toda sua completude.

Ao analisarmos a importância no livro como forma de captura de discursos e, em especial aqueles que se destinam a apresentar textos literários, evidencia-se o fato de que se destacam face a outros suportes, pois possibilitam que os demais sentidos, além da visão, também sejam incorporados à leitura, como os processos corporais do toque e olfato, por exemplo, ficcionalizados no conto clariceano. Independentemente da narrativa ser pictórica ou literária, a resignificação dar-se-á pela fruição que culmina em emoções e sensações instauradas pelas linguagens sensoriais.

Ao destacarmos o livro como um objeto para suporte de literatura não podemos deixar de considerar que, para que as palavras de um texto literário possam fluir em constância temporal para além dos limites das páginas, precisam primeiramente ser capturadas pelo olho no espaço limitado de um objeto, que pode ser um livro ou uma tela de computador.

Evidentemente, a hibridização que a linguagem verbal vem apresentando nas últimas décadas devido às novas tecnologias implica ampliar o conceito de livro. Porém, quando pensamos em suportes para textos literários temos no livro físico especificidades únicas: nele, o leitor entra em contato com elementos como tamanho do livro, material de encadernação, gramatura e cor do papel, *layout* das páginas, tipografia, ilustrações, se houver, por exemplo. Esses elementos composicionais podem tanto despertar quanto criar memórias sensoriais antes mesmo que o ato da leitura do texto verbal se inicie.

Ao considerarmos que o sensível face a uma obra literária manifesta-se em processos corporais, não podemos deixar de conceder ao livro de literatura o reconhecimento como objeto-estético. Todos eles promovem a inserção do corpo no texto, durante o ato da leitura. Por meio deles, o sentido dado ao texto pelo leitor é permeado por uma arquitetura espacial em que as possíveis fronteiras entre livro e leitor inexistem. Durante o ato de leitura de obras literárias, trabalhos de artistas como os *designers* gráficos, por exemplo, fundem-se à linguagem verbal e os livros físicos, elevados à categoria de obra de arte, tornam-se um espaço para articulações e gerações de sentidos dos leitores.

### **Considerações finais**

A ciência, por meio de métodos, isola e investiga fenômenos, descartando qualquer traço de subjetividade; a arte, por sua vez, acolhe a intuição e subjetividade, tanto no processo criativo quanto de recepção. Tais características dessas formas simbólicas levam o senso comum a considerá-las como atividades dessemelhantes, o que não procede, pois ambas têm em comum o fato de serem geradoras de signos e símbolos. Por isso, quando consideramos o ensino praticado em instituições formais alguns aspectos precisam ser levados em conta, especialmente os que se dão com a linguagem verbal.

Toda instituição de ensino tem por objetivo formar leitores, o que coloca leitura geral e a leitura literária como práticas recorrentes do cotidiano. Logo, o ensino de leitura implica conhecer obras literárias cujos exercícios nem sempre consideram características próprias do objeto em questão. Em muitos casos, os elementos artísticos das narrativas ou dos poemas perdem-se em detrimento de decodificações de escrita, questões gramaticais e avaliações.

A literatura, de um modo geral, costuma ser abordada sob a ótica da leitura enquanto transcodificação do verbal. A sociedade letrada em língua portuguesa esquece-se de que a literatura nasceu do canto e da música; com o canto e a música, tivemos as primeiras criações poéticas em língua portuguesa. Além disso, a visualidade é uma de suas prerrogativas dos signos verbais, embora esse aspecto tenha sido desconsiderado até o século XX.

Ler a literatura implica exercitar o diálogo entre consciente e inconsciente de modo a estimular a consciência humana para ler o mundo com demais sentidos – o visual, o tátil, por exemplo. Para que estímulos sensoriais se deem há que se considerar o suporte de transmissão textual e a recepção que ele suscita.

Num contexto em que a hibridização textual é uma realidade, pensar em suportes de transmissão implica ponderar também as relações estabelecidas com o sensível. No caso da leitura, as diferenças existentes entre tela de dispositivos tecnológicos e papel de um livro têm implicações relevantes na geração de significados do texto. As reações sensíveis oriundas de diferentes sentidos, como visão e tato, manifestam-se no corpo do leitor em processos únicos.

Sendo assim, há que se destacar a importância que o livro físico continua tendo na circulação de textos literários, pois, enquanto um objeto-estético, eles não se limitam a capturar discursos por meio de palavras. Os livros possibilitam que o imaginário flua por outras impressões sensíveis: visuais, nos formatos e cores ou, ainda tamanhos; sonoras, barulho das páginas folheadas; olfativas, no cheiro do livro ainda não-lido ou naqueles que carregam poeiras dos espaços e perfumes dos manuseios; táteis, quando nosso órgão maior pode tocar, abraçar e experimentar prazer, como a protagonista conto clariceano.

## Referências

- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5 ed. Corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CERVANTES, M. **Dom Quixote de la Mancha**. São Paulo: Abril Cultural, 2002.
- CHARTIER, R. Do Livro à Leitura. In.: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** 16.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. 10.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Cotia: Ateliê editorial, 1998.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MANGUEL, A. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. **Conversas - 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, Coleção Tópicos.
- MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- VIEIRA, T. M. Literatura: o leitor na modernidade. In: WITTER, G. P. (Org.). **Literatura na formação de leitores**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 41-73.